

**ABOIO DE VAQUEIRO: REPRESENTAÇÃO DO VAQUEIRO
E DE SEU CANTO NA MÚSICA “A MORTE DO VAQUEIRO”,
DE LUIZ GONZAGA DO NASCIMENTO
E NELSON BARBALHO DE SIQUEIRA**

Jeniel Silva Gomes (UEMASUL)

jeniels75@gmail.com

Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

liliancastelo@uemasul.edu.br

RESUMO

Tendo em vista as diversas formas como o vaqueiro é representado na literatura, cinema, música e teledramaturgia, o presente trabalho pretende discutir a representação do vaqueiro ou aboiador na música “A morte do Vaqueiro”, composta por Luiz Gonzaga do Nascimento e Nelson Barbalho de Siqueira, com foco na forma como o Rei do Baião utiliza do aboio, canto de trabalho do aboiador, para denunciar a violência no sertão nordestino, a desvalorização desta profissão e apresenta a importância do vaqueiro, do seu aboio, e de seu valor como profissional e tratador do gado. Portanto, faz-se necessário refletir a respeito da importância de evidenciar obras que procuram discutir sobre temas tão relevantes. A partir disto, esse trabalho objetiva desenvolver uma análise bibliográfica, de caráter qualitativo da música “A morte do Vaqueiro”, buscando responder as seguintes questões: “Como o vaqueiro nordestino é retratado na canção de Luiz Gonzaga?” e “Como Luiz Gonzaga utiliza do aboio, canto típico do vaqueiro, para denunciar a violência e desvalorização que o vaqueiro nordestino sofre durante sua vida de trabalho?”.

Palavras-chave:

Aboio. Memória. Violência.

ABSTRACT

Considering the different ways in which the cowboy is represented in literature, cinema, music and teledramaturgy, the present work intends to discuss the representation of the cowboy or aboiador in the song “A morte do Vaqueiro”, composed by Luiz Gonzaga do Nascimento and Nelson Barbalho de Siqueira, focusing on how the Rei do Baião uses the aboio, the work song of the aboiador, to denounce violence in the northeastern hinterland, the devaluation of this profession and presents the importance of the cowboy, his aboio, and his value as a professional and livestock handler. Therefore, it is necessary to reflect on the importance of highlighting works that seek to discuss such relevant topics. From this, this work aims to develop a bibliographical analysis, of a qualitative nature, of the song “A morte do Vaqueiro”, seeking to answer the following questions: “How is the northeastern cowboy portrayed in Luiz Gonzaga’s song?” and “How does Luiz Gonzaga use the aboio, a typical cowboy song, to denounce the violence and devaluation that the northeastern cowboy suffers during his working life?”.

Keywords:

Aboio. Memory. Violence.

1. Introdução

O sertão nordestino é conhecido como uma terra difícil, da seca e da fome, da violência, do retirante e do vaqueiro solitário que luta para cuidar do gado. Se estabelece como centro da dor e da miséria brasileira, ao mesmo tempo em que se mostra como o pilar da força, esperança e da resistência do homem nordestino, sendo assim “O sertão nordestino constituiu em torno de si um monopólio de significado” (PATRICK, 2019, p. 67). Significados que se apresentam nas diferentes formas de arte, como na literatura, cinema e músicas.

Um dos pilares do imaginário nordestino é o vaqueiro, também sendo chamado de aboiador, segundo o Dicionário Aurélio, o vaqueiro é o “guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado vacum” (FERREIRA, 2010, p. 2132) também conhecido como aboiador, boiadeiro entre outros, fiel representante da luta que o homem do nordeste enfrenta diante da seca, do sol e das injustiças que o perseguem, é o responsável por transportar o gado de um local para outro, muitas das vezes em uma viagem longa o suficiente para o deixar dias longe de casa. Assim, pode-se afirmar que

A presença do vaqueiro, a sua tão relevante atuação no manuseio dos rebanhos, superando muitas vezes longas distâncias para conduzir grandes contingentes de animais para áreas mais úmidas e com mais alimentos durante os períodos de secas, definiu um tipo humano muito específico, tomado um dos dialetos ícones e símbolos literários, cinematográficos e musicais presentes no imaginário nacional. (PATRICK, 2019, p. 72)

Para o vaqueiro, se o gado se espalha, muda de rumo ou não sai do lugar, isso significa mais trabalho, mais sede, mais fome por demorar mais a chegar no destino. A forma que o vaqueiro encontrou para lidar mais facilmente com essa luta é a ferramenta empírica do Aboio, o que lhe permitiu um trato sem violência com os animais que guia. O aboio, como define Maurício (2006, p. 18), “é feito por interjeições que têm a função de disciplinar o gado no mesmo passo, na mesma cadência. Mas há também os aboios cantados em versos livres”, tanto o aboio que repete os mesmos sons, em gritos, quanto o aboio cantado e em versos, servem para ajudar o vaqueiro na sua lida com o gado que está sobe sua proteção.

Sendo no passado um dos principais trabalhadores que sustentavam, e ainda sustentam a economia de algumas regiões, que cantam as mazelas sertanejas através de seu canto de aboio em verso livre e dolente, será analisado como Luiz Gonzaga e Nelson Barbalho, utilizam do aboio de vaqueiro na obra “A morte do vaqueiro” para promover a crítica da forma como o vaqueiro é tratado no sertão, com objetivo de apontar as

diferentes formas de como o seu trabalho é visto e se é devidamente valorizado, sendo assim essa pesquisa pretende contribuir para a importância sociocultural do vaqueiro nordestino e, modificar a visão de que o aboiador é apenas o “homem do gado”.

2. Metodologia

Este trabalho se desenvolve a partir do estudo e fichamento de artigos, dissertações a respeito do aboi e da construção imagética do sertão, estudos a respeito da vida e obra de Luiz Gonzaga e Nelson Barbalho. Seguidamente da análise de vídeos presentes na plataforma YouTube, com entrevistas e apresentação sonora do canto do aboiador e os motivos que leva o vaqueiro ao canto.

De caráter literário, “Vidas secas”, de Graciliano Ramos e “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, será abordado como complementares para o melhor entendimento do Ser-poético presente na canção, e como o homem do nordeste e vaqueiro é retratado em outras literaturas.

Sendo assim, essa pesquisa foi feita a partir de uma abordagem qualitativa, que não visa comparar as obras, “Vidas secas”, “Morte e vida Severina” e “A morte do Vaqueiro”, mas explorar as diversas visões a respeito do vaqueiro, que se completam em uma única imagem.

3. Vozes que ecoam para além do sertão

“A morte do vaqueiro”, objeto de estudo deste artigo, foi composta por Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989) e Nelson Barbalho de Siqueira (1918-1993), sendo seu principal divulgador o Rei do Baião. Segundo Rocha,

Gonzaga, ao querer levar a identidade cultural do nordeste em suas canções, ou seja, deixá-las mais nordestinizadas, procurou parceiros no intuito de refletir a sua origem humilde e camponesa no interior das músicas, onde em sua maioria foram compostas em parceria com outras pessoas, outros compositores que poderiam lhe auxiliar nessa empreitada, que era a de aculturar as suas letras com a essência nordestina. (ROCHA, 2013, p. 5)

Luiz Gonzaga foi referência no que se tratava da divulgação da cultura de sua terra, o sertão nordestino, retratou em suas canções os costumes, danças populares, a força dos sertanejos e a saudade dos que dali

fugiram. Nas palavras de Rocha,

O Nordeste sempre foi o espaço da saudade, onde as pessoas, ao migrarem para outras regiões, sempre ficavam na expectativa de um dia voltar a sua terra natal, onde lá deixavam a família, e sempre nessa esperança de ali voltar. (ROCHA, 2013, p. 2)

A saudade da terrafoi representada em uma das canções mais famosas do sanfoneiro, “Asa Branca”, já em “A morte do vaqueiro”, pode-se notar um outro foco de saudade, a saudade dos que padeceram na luta diária pelo pão, sendo assim, Luiz Gonzaga dá voz ao lamento e eterniza na história da música a profissão daqueles que são facilmente esquecidos quando partem, mesmo quando o sustento de uma região depende de seu trabalho.

Nelson Barbalho de Siqueira é referência no que se trata do estudo e representação do sertão, com foco no sertão de Pernambuco. Conciliou seu trabalho literário com as atividades de fiscal público, escrevia sobre os aspectos que mais chamavam sua atenção no interior.

Seu interesse e respeito por tudo que vinha da sua cultura o fizeram escrever crônicas, estudar a história por meio dos documentos que encontrava e a compor músicas, nas palavras de Santos (2006, p. 81), “carregava a expressão de um ‘cabloco sertanejo’, destemido e irônico”. Em 1957 teve a oportunidade de escrever uma música ao lado de Luiz Gonzaga e Onildo Almeida, “Caruaru, capital do agreste”. Posteriormente compôs uma de suas músicas mais notáveis, em homenagem à um vaqueiro, primo de Luiz Gonzaga, que morreu em que se acredita ter sido por assassinato, e que posteriormente deu origem a popular Missa do Vaqueiro, no município de Serrita. Essa canção foi nomeada de “A morte do Vaqueiro”.

4. A desvalorização da profissão, violência e descaso

As recentes produções no cinema e televisão, que voltam a abordar o vaqueiro como protagonista de suas histórias, como “Boi Neon”, produção de 2015 e “Pantanal”, de 2022; evidenciam algumas situações que ainda são recorrentes nessa profissão, a desvalorização do trabalho, baixos salários, violência, dentre outros, são aspectos que são denunciados ao longo dos anos.

Graciliano Ramos, escritor da segunda fase do modernismo brasileiro, tem em sua consagrada obra “Vidas Secas”, a presença do vaqueiro Fabiano, um dos protagonistas do romance. Por meio deste personagem,

Graciliano consegue fazer uma série de denúncias do cenário nordestino da época e que vigoram até a contemporaneidade.

O impactante primeiro capítulo de sua obra mais célebre, já nos apresenta um dos maiores desafios de Fabiano e sua família durante a obra, o desamparo social pelo governo e pelos patrões, que pouco fazem pelas famílias do nordeste e de outras regiões do país. Fabiano é abandonado, deixado à margem social, dependendo da própria sorte para sobreviver em uma sociedade que apenas explora sua força de trabalho, viajando longas distâncias, fugindo da seca, da fome e da sede, guiando sua família para um pouco de esperança do outro lado do horizonte.

Fabiano, como bom vaqueiro, criado nas dificuldades, cultivou em sua mente seca de conhecimentos acadêmicos, os frutos de uma sabedoria empírica, sabia tirar do seco, do árido, o mínimo para a sobrevivência dele e de sua família, sabia tirar vida de onde não tinha, pra sobreviver junto de sua família, como pode ser observado no seguinte trecho:

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. (RAMOS, 2013, p. 7)

Com seu aprendizado da vida, guiou, como um bom vaqueiro, sua família pelos infintos campos do sertão, até chegarem em uma cidade com água, comida e trabalho.

Nessa cidade, começou a trabalhar para um fazendeiro, cuidando de bois, cabritos e outros animais, desses bichos cuidados por ele, era feita uma parte de seu pagamento:

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito. (RAMOS, 2013, p. 32)

Infelizmente, o sertanejo tinha que vender esses animais que seriam dele para o patrão, como pagamento de dívidas do trabalhador, fato que o deixa irritado. Apesar da clara enganação com o boiadeiro, pouco se podia fazer, ele sabia que caso reclamasse muito, perderia o emprego e dificilmente acharia outro pela região, como mesmo afirma-se a seguir:

Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. (RAMOS, 2013, p. 32)

Essa exploração, aliada a dificuldade de contratação e pouco conhecimento de direitos e deveres, fez e faz com que vários vaqueiros e boiadeiros sejam explorados até hoje em fazendas do Brasil, mesmo após a Constituição Federal de 1988, reconhecer em 15 de outubro de 2013, a profissão de vaqueiro, como salienta no Art. 1º da lei nº 12.870: “Fica reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão.” (BRASIL, 2013). Além disso ressalta quais atividades são adequadas para a profissão, como: “Considera-se vaqueiro o profissional apto a realizar práticas relacionadas ao trato, manejo e condução de espécies animais do tipo bovino, bubalino, equino, muar, caprino e ovino.” (BRASIL, 2013).

No documentário “Profissão Vaqueiro”, produzido pela fundação Antares, foi entrevistado alguns vaqueiros para contar um pouco sobre sua profissão, um desses homens do sertão, o vaqueiro Orleans de Sousa, comenta que a profissão “é muito dependiosa, cê luta muito, luta e, as vezes dá em nada” (LOPES; FORTES, 2013), percebe-se pelo comentário do trabalhador, que o desprestígio de seu trabalho não é restrito da ficção literária, e que muito ainda tem que ser feito.

5. A missa do vaqueiro, religiosidade e história

A história de Raimundo Jacó, primo de Luiz Gonzaga, é rodeada de lendas e mitos, o que pode ter sido fundamental para a construção e permanência da “Missa do Vaqueiro” no imaginário do Nordeste. Raimundo era um famoso vaqueiro e aboiador do sertão, sua fama ecoava pelas terras áridas como o canto melódico dos aboiadores. Nepomuceno, em sua matéria publicada no jornal *on-line* Brasil de Fato: Paraíba, comenta:

De acordo com o imaginário dos vaqueiros, Jacó era um “encantador de rebanho”. Diz a lenda que além de coragem, inteligência e uma habilidade com o laço inigualável, o mesmo tinha o poder de se comunicar com os bichos. (NEPOMUCENO, 2019)

A mistura entre a realidade e a fé é algo recorrente entre os nordestinos, principalmente entre os vaqueiros, que mesmo que não sejam conhecedores ou frequentem as igrejas, sua fé é forte, resistente como o couro do gado e inabalável como sua postura em cima do cavalo (Cf. MAURÍCIO, 2006). Essa fé mantém o homem do sertão forte, preparado e esperançoso em mais um novo dia.

Independentemente do real ou mitológico na história de Raimundo Jacó, sua fama percorreu grandes distâncias e chamou a atenção de outros vaqueiros, gerou inspiração em alguns e inveja em outros, com isso, seu

final foi um traíçoero assassinato (Cf. NEPOMUCENO, 2019) que, infelizmente, não viu um fim ou condenação judicial do culpado; segundo Nepomuceno (2019, p. 1), “foi com a intenção de denunciar o crime impune, 16 anos após a morte de Jacó, que o Padre João Câncio (1936–1989) rezou a primeira missa em sufrágio a sua morte”, aliado à denúncia de Luiz Gonzaga com sua música em parceria com Nelson Barbalho, “A morte do Vaqueiro”, foi então dado início a “Missa do Vaqueiro”, em Serrita (PE), evento que reúne fiéis, vaqueiros, comerciantes e turistas todos os anos.

6. Aboio: O canto que abre as porteiras do homem e do gado

Aboio, segundo o Dicionário Aurélio é “melopeia plangente e monótona com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam os bois dispersos” (FERREIRA, 2010, p. 13), é de responsabilidade do vaqueiro que o gado chegue aos seus destinos, locais com boa vegetação para sua alimentação e água para saciar a sede que maltrata as coisas vivas do sertão.

Guiar por longas distâncias animais de grande porte e em grande quantidade não é tarefa fácil, exige tanto da mente quando do corpo do vaqueiro, que nunca está sozinho nessa luta, acompanhado de seu cavalo e de outros vaqueiros, e em algumas situações de seu fiel cão, o vaqueiro viajar por dias e até por semanas, distante de sua terra natal e das pessoas que ama:

Raramente se vê um vaqueiro trabalhar com o gado sozinho; quando não estão em dupla, estão em grupo. São extremamente solidários, na dor, na alegria, nas festas, em qualquer momento. Também confiam um no outro, parecendo até que os sentimentos não são individuais e, sim, coletivos. (MAURÍCIO, 2006, p. 21)

Esse sentimento de solidão pela distância, e ao mesmo tempo preenchimento do vazio pela presença do outro, do cão, de outro vaqueiro e do gado, criam no viajante aboiador sentimentos conflitantes, e a procura por novas maneiras de lidar com o trabalho exaustivo de forma mais fácil, umas dessas maneiras é o canto de trabalho, no Brasil muito se canta e por diversos motivos (Cf. ANDRADE, 2015), canta-se a dor, o amor e a saudade, canta-se a alegria e a revolta, e também canta-se a luta do trabalhador, cantos que muitas vezes são individuais, segundo Mario de Andrade:

É só nos engenhos do Nordeste que a gente encontra cantos de trabalho coletivo. Nas festas de abertura da moenda tem cantos tradicionais referentes a isso. Durante a moagem porém já o canto coletivo é substituído pelo aboio. Especialisadamente chamam de “aboio” ao grito do vaqueiro excitando a boiada. É costume explicar que os gritos animam o boi.

(ANDRADE, 2015, p. 2)

O aboio é uma ferramenta empírica criada pelo vaqueiro para lidar mais facilmente com a luta diária com o gado, é um canto poético praticado pelo próprio vaqueiro, ecoando pelos campos e estradas durante a condução do gado (Cf. MAURÍCIO, 2006), o aboiador chama o gado através desse canto, que as vezes é de versos com poucos sons, como “oh!, ei boi!”, e as vezes é longo, com versos e estrofes, cantando suas dores e saudades, esse trato com o gado evita a violência para fazer o animal seguir um caminho, tornando o trabalho menos árduo durante a viagem, segundo Maurício:

O canto dos aboiadores é entoado numa linha melódica livre, conforme a fantasia do vaqueiro. Quando fazem a chamada do gado, o canto é longo, sem letra, só a melodia; depois é que eles cantam os versos, sempre falando da mulher, do cavalo e do sofrimento. (MAURÍCIO, 2006, p. 31)

Percebe-se então como uma ferramenta de trabalho, aprendida até mesmo durante o próprio ato de aboiar, pode se tornar uma forte forma de expressão do sujeito que está à frente do rebanho: “O aboio, considerado pelo vaqueiro apenas como atividade prática de conduzir rebanhos, é também uma forma de manifestação de sentimentos profundos e originais a respeito do próprio aboiador, da sua história e do mundo que o cerca.” (MEDINA, M. F.; MEDINA, M. A. 2017, p. 52); é uma atividade que funciona, mesmo em desconhecimento do homem do gado, como uma forma de manifestar e lidar com os rebanhos emocionais de seu interior, sua tristeza, lutas e conflitos (Cf. MEDINA, M. F.; MEDINA, M. A., 2017), experiências que tornam esse canto, tão lindo como ele é.

No documentário intitulado “O Vaqueiro e suas raízes”, o vaqueiro Ticiano Dantas, ao lado de sua filha Ágatha Félix, trajada com as tradicionais roupas de couro, comenta:

A poesia, o aboio sempre teve campeando junto com o vaqueiro, com o cavalo, isso é, isso é tradicional também, muitas vezes fica até, vai se esquecendo um pouco desse detalhe, mas sempre andou, a poesia sempre andou na garupa, o aboio sempre andou na garganta, é fato isso, faz parte, faz parte da lida. (BACCIN, 2021)

Apesar da vida árdua, das dificuldades, do acordar cedo para tirar leite das vacas, curar boi e guiar o gado, o trabalhador do rebanho nunca se esquece do seu lado humano, de sua subjetividade. Ao cair da noite, o homem do gado se reúne com os seus amigos e companheiros de viagem, para contar as histórias de sua vida, amores e tristezas, mas é durante o dia, montado em seu cavalo, com o peito cheio de ar, e o coração preenchido

de emoções, que o aboiador expressa o que sente, expressa seu aboio cantado, em verso, ou apenas interjeições, canta para o sertão, para o gado, seus companheiros e seu cão, suas experiências e saberes de vida que guardou até em tão.

8. *Análise da música*

A canção “A morte do Vaqueiro”, é uma resposta e uma homenagem de Luiz Gonzaga para seu primo Raimundo Jacó Mendes, logo após seu brutal assassinato na cidade de Serrita, sertão do estado de Pernambuco, o Rei do Baião, utiliza de elementos do aboio de vaqueiro para espalhar pelo Brasil a situação dos vaqueiros no Nordeste, e expressar sua indignação pelo caso de seu primo, como pode ser visto na letra a seguir:

Ei, gado, oi
Ei

Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar
Tão dolente a cantar

Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo

Ei, gado, oi

Bom vaqueiro nordestino
Morre sem deixar tostão
O seu nome é esquecido
Nas quebradas do sertão
Nunca mais ouvirão
Seu cantar, meu irmão

Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo

Ei, gado, oi

Sacudido numa cova
Desprezado do senhor
Só lembrado do cachorro
Que inda chora a sua dor
É demais tanta dor

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A chorar com amor

Tengo, lengo, tengo, lengo

Tengo, lengo, tengo

Tengo, lengo, tengo, lengo

Tengo, lengo, tengo

Ei, gado, oi

Ei

(GONZAGA, 1963)

O eu-poético começa se apresentando como o boiadeiro que cantará essa canção enquanto guia o gado, fazendo o chamamento típico do boiadeiro “Ei, gado, oi/ Ei”, por se tratar de um aboio urbano, voltado para a crítica social, esse é o chamamento dos rebanhos internos de quem ouve, das emoções e de sua atenção, para seguirem esse eu-poético por uma história seca, árida e difícil.

O canto do boiadeiro é triste, lastimoso, o vaqueiro canta a saudade de sua terra, de sua casa, a dificuldade da vida, de seu passado. Através de seu canto o boiadeiro guia o gado sem violência, o gado reconhece o canto de seu vaqueiro, tanto é sua proximidade e sua importância, que a morte de seu guia deixa o animal e o sertão triste, triste como seu canto “Numa tarde bem tristonha”.

O gado que fora guiado, levado da seca para a água, da vegetação morta para o pasto verde, sente a ausência de seu cuidador e zelador, o animal, dito irracional, adquire características humanas para demonstrar essa falta, o lamento, saudade dolorosa “lamentando seu vaqueiro/que não vem mais aboiar”, e devido sua ausência, sua morte o gado expressa a perda pelo seu mugido “o gado muge sem parar”, o animal que antes mugia pela escassez, pela dificuldade do sertão, muge agora a perda de seu irmão de couro, pois como o boi, o vaqueiro se reveste de couro duro, resistente a dureza do sertão, dos espinhos do caminho que atravessa, mas o coração é mole, sente falta, sente dor, o eu-poético humaniza o gado para que consiga transmitir a dor que o sertão sente ao perder um dos seus pilares culturais “lamentando seu vaqueiro/Que não vem mais aboiar”.

Percebe-se que entre cada estrofe existe a presença da onomatopeia “tengo, lengo, tengo”, que vai justamente referenciar o som do cinorro, chocalho ou sineta, instrumento que fica preso no pescoço dos animais como os bovinos, produzindo sons que chamam a atenção da boiada que a segue, a música traz esse recurso para simular novamente o ambiente da boiada, para refletir o canto do vaqueiro nesse aboio urbano, chamando e

guiando novamente a atenção de quem ouve a canção.

O eu-poético expressa sua tristeza ao lembrar que, apesar da importância cultural e social do vaqueiro, ele é pouco valorizado como trabalhador, seu trabalho é difícil e importante, mas de riqueza o vaqueiro só deixa seu canto, “Bom vaqueiro nordestino/Morre sem deixar tostão”, seu trabalho é muito e seu retorno financeiro é pouco, por vezes ainda é enganado nesses anos de luta, nasce pobre, aprende o ofício, vive pobre, ensina os filhos sobre sua profissão, se aposenta e morre pobre, e o fato se repete.

Além da onomatopeia, novamente a presença do tradicional grito do vaqueiro “Ei, gado, oi/Ei”, esse grito de chamamento do gado se apresenta tanto no início da canção quanto entre cada estrofes, logo após as onomatopeias, cada vez que o eu-poético expressa em sua estrofe, a dor e a saudade, ele relembra sua função, chama os animais, põe o sentimento dos ouvintes no rumo de sua canção e volta a cantar.

Esse trabalhador é só mais um Severino, como tantos outros nessa vida, como já denunciava João Cabral de Mello Neto, o boiadeiro é só mais um “Com nome de Severino/ Filhos de tantas Marias/Mulheres de outros tantos/Já finados Zacarias” (NETO, 1999, p. 2), o vaqueiro morre, morre um pouco a cada dia “Que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta/ de emboscada antes dos vinte/ de fome um pouco por dia” (NETO, 1999, p. 2-3). Graciliano Ramos, além de denunciar a seca e a fome através da família de Fabiano, denuncia o abuso que donos de fazenda fazem contra os vaqueiros, pagando pouco, e ainda tirando deles o pouco que recebem, principal motivo do sofrimento e desvalorização do vaqueiro, ele “Morre sem deixar tostão”.

Ele é apenas o vaqueiro, o boiadeiro, o empregado, seu nome pouco importa, só é lembrado por aqueles que dependiam dele “Só lembrado do cachorro/Que inda chora a sua dor”, o que importa é seu ofício, seu trato com os animais, sendo assim João Cabral expressa em *Morte e Vida Severina* o seguinte “e se somos Severinos/iguais em tudo na vida,/ morreremos de morte igual,/mesma morte Severina” (NETO, 1999, p. 2), e são tão iguais a tantos outros vaqueiros que “o seu nome é esquecido/ nas quebras do sertão”, seu ofício, suas histórias e experiências ficam apenas para aqueles que vem depois dele.

9. Considerações finais

O vaqueiro do nordeste e de todas as regiões do Brasil, apesar do

seu valor cultural, social e econômico, sofre uma constante desvalorização no seu trabalho e história, como pode ser notado durante o decorrer desse estudo, Luiz Gonzaga, tentou refletir e expressar para todas as regiões do país a verdade desse sertão, da violência, do roubo, do trabalho pouco conhecido.

“A morte do Vaqueiro” faz refletir e consagrar na memória popular a importância das raízes históricas do Brasil, faz pensar sobre a força de trabalho de vozes silenciadas que tem tanto para falar, através do canto, do aboio, da entoada. Percebe-se que apesar da regulamentação dessa profissão, pouco mudou, desde a morte Raimundo Jacó até as entrevistas dos documentários.

O Rei do Baião utiliza do aboio de vaqueiro, fazer ecoar pelas infundas terras do sertão, áridas terras rurais e urbanas, o grito do lamento do homem que luta, que sofre e que sonha, que deseja e ama, que sente falta, fome e frio, mas que luta por seu espaço no mundo e dias melhores. Que sobe no lombo do cavalo, trajado com suas vestes de couro, chama seu cachorro fiel e grita para seu rebanho “Ei, gado/oi!”, para guia-los até terras melhores, vida melhor, sonhos melhores de viver.

Sendo assim, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre essa expressão poética, esse canto de trabalho e as vivências desses trabalhadores, para contribuir com o rompimento dos laços que aperta o pescoço do aboiador e o impede de se expressar, material que poderá ser mais aprofundado em Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertação ou Tese de Doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. Música brasileira – *1. Imburana: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, v. 6, n. 11, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/10062>. Acesso em: 30 nov. 2022.

BRASIL. *Decreto nº 12.870, de 15 de outubro de 2013*. Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília-DF, nº 201, p. 5. 16 de out. 2013. Seção 1.

CASCUDO, L. C. *Literatura oral no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Global, 2006.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GONZAGA, A. *A Morte do Vaqueiro*. RCA/BMG. 1963. Online. Disponível em: A Morte do Vaqueiro – YouTube. Acesso em: 30 nov. 2022

JUNIOR, F. Nelson Barbalho: O escritor que transformou Caruaru em um país. *A ponte*, 2018. Disponível em: <https://medium.com/a-ponte/nelson-barbalho-o-escritor-que-transformou-caruaru-em-um-pais-cfc32c0e776f>. Acesso em: 09 out. 2021.

MAURÍCIO, M. L. A. *ABOIO, o canto que encanta: uma experiência com a poesia popular cantada na escola*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006. 95p.

MEDINA, M. F. R.; MEDINA, M. A. R. Aboio: poesia e canto no compasso do gado. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social (unesp.br)*, v. 21, p. 51-72, Assis, 2017. Disponível em: ABOIO. Acesso em: 30 nov. 2022.

NETO, J. C. M. *Morte e Vida Severina*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], 1999. Disponível em: Morte e Vida Severina – Obra Literária Completa (curso-objetivo.br). Acesso em: 30 nov. 2022.

NEPOMUCENO, C. A missa do vaqueiro, no sertão do Araripe, em Pernambuco. *Brasil de Fato*, João Pessoa, 2019. Disponível em: Artigo | A missa do vaqueiro, no sertão do Araripe, em | Opinião (Brasildefatopb.com.br). Acesso em: 30 nov. 2022.

PATRICK, E. O sertão nordestino como um monopólio de sentido. *Sertões: imaginários, memórias e políticas*, n. 25, p. 67-87, São Paulo, maio, 2019. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/obs25_issuu_1_. Acesso em: 08 out. 2021.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Disponível em: Vidas Secas (wordpress.com). Acesso em: 29 nov. 2022.

ROCHA, Í. G. V. A identidade cultural nordestina na música de Luiz Gonzaga a partir dos níveis fonéticos. *Desenredos*, n. 19, p. 1-29, Teresina, dezembro, 2013. Disponível em: http://www.desenredos.com.br/arquivo_129.html. Acesso em: 09 out. 2021.

SANTOS, J. *Falas da cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950–1970)*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006. 129p.

Outras fontes:

O VAQUEIRO e suas origens. Dirigido por Vera Baccin. [s.l.]: Associação Brasileira de Criadores de Cavalos de Passeio e Esporte (ABCCPE), 2021. Disponível em: Documentário “O Vaqueiro e Suas Raízes” - 2021 – YouTube. Acesso em: 30 nov. 2022.

PROFISSÃO vaqueiro. Direção e produção de Diego Lopes; Tamar Fortes. Arozés: Fundação Antares, 2013. Disponível em: DOC VAQUEIROS - YouTube. Acesso em: 30 nov. 2022.